



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Contribuição da Comunicologia de Vilém Flusser para a compreensão epistemológica da mediatização¹

Contribution of Vilém Flusser's Communicology for the epistemological comprehension of mediatization

Guilherme Policena de Almeida
Tiago Quiroga

Palavras-chave: Comunicologia; Flusser; Mediatização.

Resumo

O estudo tem o objetivo de propor a teoria da comunicação (*Comunicologia*) do filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser como contribuição epistemológica para a compreensão do fenômeno da mediatização social. Será reconstituído o surgimento da questão comunicacional nas linhas teóricas do pensamento contemporâneo – bem como na práxis que vieram conformá-las. Chega-se então à problemática epistemológica – nomeadamente cristalizada na dicotomia entre as perspectivas da informação (objetiva) e do sentido (intersubjetiva). Para resolver as contradições e problemas concernentes a esse estado, o pensamento flusseriano será inserido como possibilidade de vislumbrar um caminho entre os polos de entendimento sobre o objeto, buscando uma síntese epistemológica que esteja equipada para lidar com a complexidade da comunicação mediatizada.

Apresentação do tema

Situada em uma dimensão histórica de mediatização social que já vinha sendo identificada como um fenômeno emergente; e em uma dimensão metodológica de contínuo aprimoramento em intersecção com as ciências sociais, a comunicação se tornou uma “figura emblemática da sociedade do Terceiro Milênio” (MATTELART, 2011, p. 9) e começou a amadurecer a ponto de conquistar um terreno que poderia chamar de seu próprio campo.

¹ Trabalho apresentado ao III Seminário Internacional de Pesquisas em Mediatização e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS – 6 a 10 de maio de 2019.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Essa disciplina em formação começou a se voltar para seu próprio objeto e percebeu que, a despeito da indubitável crescente importância e destaque que o termo *comunicação* iria adquirindo no contexto social e tecnológico; a questão do que seria em essência este próprio fenômeno se perdeu em um caos de projetos teóricos, acadêmicos, sociais, políticos e econômicos. A figura de um campo de fluxos sem um centro de referência ilustra bem a sua condição (in) disciplinar.

Ao contrário da noção de campo, uma disciplina exige um grau de integração, de sistematização e de rigor entre os conhecimentos aí gerados. Eles possuem um centro de gravidade que a noção de campo desconhece. Os problemas giram em torno de um núcleo, expressado pela ideia de um objeto de estudo. (MARTINO, 2007, p. 127)

Esse estado traz uma nova frente de pesquisadores e pensadores engajados no problema para uma sub-área em emergência: *a epistemologia da comunicação*. O estudo, já nesse nível introdutório, pretende deixar claro que o objetivo primário é explorar a questão epistemológica, deixando os elementos de crítica social ou cultural apenas como questões de fundo. Isto quer dizer que as consequências culturais advindas de uma ou de outra prática (adoção do positivismo ou sócio-culturalismo) na esfera real não serão a fonte de critério para avaliarmos a validade epistemológica dessas teorias. A crítica epistemológica aqui, diz respeito à maneira como a comunicação é abordada e a posição que ela ocupa, como conceito e tema, no interior dessas teorias.

O campo comunicacional é sedimentado numa zona de convergência *a posteriori*, onde as teorias vindas dos mais diversos campos do saber se agrupam. Esse campo tem dificuldade para dizer qual exatamente a sua essência a não ser um repositório daquilo que foi produzido tendo a comunicação como um conceito importante, ainda que subordinado.

Enfim, o discurso sobre a comunicação é com frequência promovido ao estatuto de teoria geral, sem



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

inventário. As fórmulas brilhantes de Marshall McLuhan caminham lado a lado com o pesado aparato filosófico de Jürgen Habermas, sem que se possa dizer qual dos dois provocou a maior alteração dos olhares voltados ao ambiente tecnológico. (MATTELART, 2011, p. 11)

Ou seja, a despeito de toda essa multiplicidade de discursos e disciplinas que a tematizam ao longo do processo histórico-filosófico, tal zona cinzenta foi reconhecida como possuindo um objeto e uma especificidade comunicacionais, ainda que muito nebulosamente compreendidos.

A caracterização do objeto carrega em sua “face” todas as marcas que correspondem (de modo quase metafórico) à sua história de nascença. Aqui se aplica um tipo de identidade entre campo e objeto: os aspectos institucionais, acadêmicos da comunicação (que envolvem desencontros, indefinições, hibridismos e dispersões) também são aqueles que se encontram na caracterização da natureza do próprio objeto. Portanto, um objeto pouco domável em sua natureza e correlacionável com o processo de mediação deve receber o tratamento de uma ciência que incorpore todas essas nuances.

Para que possamos avançar nessa compreensão do comunicacional em sua fertilidade conceitual e epistêmica, pretendemos buscar novas perspectivas a partir da *Comunicologia*, a teoria da comunicação elaborada pelo filósofo tcheco-brasileiro Vilém Flusser (1920 – 1991).

Devemos inserir essa leitura dentro de uma dialética que vai buscar, dentro das contradições surgidas dos modelos mais consolidados de se pensar a comunicação (da informação e do sentido), elementos essenciais que se sobressaiam e tenham fôlego e consistência para sobreviver diante do embate entre tais perspectivas. Ao fazê-lo, perceberemos que esses elementos em comum foram muito bem captados por Flusser, no que sua *Comunicologia* se desenvolve exatamente no entremeio entre os polos epistemológicos tradicionais do objeto comunicacional.



III Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

Tendo a reflexão flusseriana como ponto de apoio seguro e original, aliada a uma disposição filosófica e crítica, buscaremos extrair aquilo que seria *comum* (já antecipando cognitivamente a essência comunicológica) entre os paradigmas; e em que medida essa zona comum contribui para a constituição da episteme comunicacional. Veremos que a região entre os paradigmas objetivo e intersubjetivo (que apontam para uma intersubjetividade “hiper-codificada”) é um dos elementos que podem indiciar a *especificidade* comunicacional/comunicológica.

Mas ainda há outro, enriquecido pela condução que parte do primeiro: a dimensão tecno-histórica ou da *atualidade*. Veremos que a dimensão existencial articulada com a pragmática, simbólica; e por fim *atual* da comunicação dá indícios de uma episteme comunicacional. Aproxima-se daquilo que Lucrecia Ferrara (2007) vislumbra como “uma teoria do conhecimento escondida, mascarada ou subjacente à própria tecnologia [que] atinge meios, suportes e veículos de informação em constante transformação. (...) uma epistemologia da comunicação aderente à tecnologia de meios e veículos” (p. 146).

Para Flusser, é esse tipo de saber que estaria equipada para lidar com um mundo codificado, artificial, permeado por aparatos técnicos de informação e tecno-imagens. A comunicologia teria o papel de decifrar e interpretar esse universo. Não hesita em dizer que ela seria um tipo de saber pós-metafísico.

Talvez a teoria da comunicação seja no futuro a área que na Idade Média foi assumida pela teologia. Talvez seja a área de uma nova crença pós-religiosa. Tentei dizer isso metodologicamente, porque estamos em uma universidade e devemos expressar essas coisas suculentas de uma forma seca. Essa é uma área que vai muito além da competência de uma vida humana e muito além da competência dos pensadores atuais que se ocupam do problema (FLUSSER, 2014, p. 35).

Nosso intento, com base na rediscussão e releitura da Comunicologia flusseriana, é levar o conceito de comunicação ao seu limite filosófico e epistêmico,



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

emancipando-o da lógica subordinativa que o inscreve na espacialidade e temporalidade configuradas pelas outras áreas, até mesmo daquelas consagradas no campo da ontologia. Enfim, é conferir à comunicação (a partir de sua problematização e urgência atual) o seu próprio *logos* (comunicacional ou comunicológico).

A partir do *logos* comunicacional também podemos remontar, de maneira filosoficamente sólida, o sentido do *communicare*, do *comum*; elo primeiro que brota da relação entre *presença* (o *mesmo*, a *ipseidade*) e *ausência* (o *outro*, a *alteridade*). Essa relação nasce não de uma efetuação racionalizante, mas de um acontecimento “invasivo” e radicalmente presente, *hiper-atual*, em que a presença da técnica se configura como ponto de partida de um novo tipo de cognição. Uma consciência inscrita em um presente já codificado por um *outro*, que opera em uma dimensão inabarcável pelo *mesmo*. Além de ser a dimensão onde se fundem presente e passado, eu e outro, também é onde se fundem fato e ficção, aparência e realidade. Por isso, “todo vínculo comunicativo flutua em um contínuo semiótico feito de falível incerteza e de definições provisórias” (FERRARA; FERREIRA, 2007, p. 146).

Cientes de que “na comunicação, a epistemologia e a ontologia tanto mais se aproximam, quanto mais se entrelaçam a produção cognitiva e o próprio questionamento da comunicação como área do conhecimento.” (FERRARA, 2018, p. 26) teremos o cuidado e o esforço de aproximar constantemente os dois aspectos, extraindo genealogicamente os indícios da possível especificidade ontológica do objeto e dando-lhes o tratamento epistemológico a partir do olhar de Flusser. Se o que ele tentou foi dar “passos hesitantes e incipientes na direção de uma futura comunicologia” (FLUSSER, 2014, p. 35), tentaremos de alguma forma continuá-los, avaliando suas limitações e potencialidades para a conquista do objeto e estudo do fenômeno da mediação.

Reavivar a Comunicologia torna-se tarefa necessária se queremos “religar as pontas” do pensamento comunicacional brasileiro. Trata-se de tensionar a



III Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

Comunicologia com as atuais problemas e questões da comunicação que, devido ao amadurecimento do campo ao longo dos últimos anos, estão melhor identificados e definidos do que na época de Flusser. Sem contar que o desenvolvimento tecnológico - cujos fenômenos correlatos da tecno-imagem e descentralização em rede, antecipados por Flusser - molda a forma e o espírito do século XXI e traz ainda mais densidade e urgência para o enfrentamento dos desafios da comunicação mediada.

Objetivos

Geral

O estudo tem o objetivo de propor a Comunicologia de Vilém Flusser como contribuição epistemológica para a compreensão do fenômeno da mediação.

Específicos

a) Esclarecer a qualidade da epistemologia da comunicação como um saber em emergência.

b) A partir de uma reconstrução genealógica da questão comunicacional na história do pensamento contemporâneo; caracterizar o problema da disjunção do objeto comunicacional (perspectiva informacional x perspectiva intersubjetiva) como obstáculo para se compreender o fenômeno da mediação.

d) A partir da releitura da Comunicologia de Vilém Flusser, buscar uma síntese entre as perspectivas que contribua para a compreensão epistemológica da mediação.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Midiatização** e Processos Sociais

Metodologia

O método da pesquisa será a análise bibliográfica sistemática das principais obras de Vilém Flusser que compõem o quadro teórico de sua Comunicologia. A principal dela é o livro *Comunicologia: reflexões sobre o futuro* (transcrição de suas conferências de Bochum). Em seguida, com equiparável importância, seus livros *O mundo codificado: por uma filosofia do design e da comunicação*, *O universo das imagens técnicas* e *Writings*. Complementarmente, serão consultados seus escritos dispersos em ensaios que fazem referência ao tema, alguns reunidos em livros e outros no *Arquivo Vilém Flusser*.

A análise do material será feita constantemente à luz dos aspectos filosóficos e críticos da epistemologia, que emprestarão força para a reorganização do saber acerca do tema e para a resolução do problema de pesquisa. Neste ínterim, o método genealógico será acessado secundariamente para suplementar a epistemologia. Com a genealogia, poderemos escavar os principais conceitos, nomes e categorias que configuram o problema da comunicação a partir de seu florescimento histórico. A clara distinção e delimitação dessas “linhas de força” que convergem para o campo facilitará o trabalho de tensionamento entre a Comunicologia e o problema epistemológico da comunicação midiaticizada.

Em resumo: como método primário, a análise bibliográfica de caráter teórico e qualitativo coordenará tanto a leitura de Flusser quanto sua articulação com as questões levantadas pelo método complementar genealógico; visando cumprir os objetivos propostos desde o ponto de vista e interesse da epistemologia da comunicação.



III Seminário Internacional de Pesquisas em **Mediatização** e Processos Sociais

Referências bibliográficas

- CHRISTINO, D. **Epistemologia e comunicação: debatendo o objeto comunicacional**. Disponível em:
<http://www.academia.edu/30338217/Debatendo_o_objeto_comunicacional>. Acesso em 01 de Junho de 2017.
- FERRARA, L. **A Comunicação que Não Vemos**. São Paulo: Editora Paulus, 2018.
- _____. **Comunicação, mediações, interações**. São Paulo: Editora Paulus, 2018
- FERREIRA, J. (org.). **Cenários, teorias e epistemologias da comunicação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- FLUSSER, V. **Comunicologia: reflexões sobre o futuro: as conferências de Bochum**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- MARTINO, L. C. (org.); BERGER, C.; CRAIG, R. **Teorias da Comunicação: Muitas ou Poucas?** São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.
- MATTELART, A; M. **História das teorias da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- QUIROGA, T. **Pensando a episteme comunicacional**. Campina Grande: EDUEPB, 2013.
- SFEZ, L. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.